

As lições contracoloniais de um quilombo

Antônio Bispo dos Santos registra a sabedoria que pode nos levar a um futuro melhor

Itamar Vieira dos Santos
Folha de S. Paulo, 22.jul.2023

Não me causa perplexidade a hierarquização de saberes derivada de um projeto de ciência e de pensamentos coloniais. É muito comum em certo meio —entre acadêmicos e intelectuais da classe média urbana— considerar que pessoas que não passaram por educação superior, lavradores, quilombolas e indígenas seriam incapazes de produzir intelectualidade.

"A Terra Dá, a Terra Quer" (editora Ubu), de [Antônio Bispo dos Santos](#), ou apenas Nêgo Bispo, como é conhecido, é a prova de que há uma produção importante de saberes dos que sempre estiveram à margem.

Neste breve ensaio, Dos Santos disserta sobre a fonte de sua intelectualidade. As referências aos próprios antepassados são abundantes, mas o que aparentemente é simples se torna importante fonte de conhecimento.



Placa na entrada dos quilombos Kaonge e Dendê, na região do Vale do Iguape, microrregião pertencente ao município de Cachoeira no Recôncavo da Bahia, composta por 18 comunidades - Rafaela Araújo/Folhapress

A partir da cosmovisão de mundo de sua gente, Dos Santos nos dá um importante testemunho das engrenagens que continuam a subalternizar o outro. Entenda-se como engrenagens [a colonialidade que permanece entre nós](#), mesmo quando não existe uma dominação entre Estados-Nação nos seus moldes clássicos.

Adestrando o gado nas terras de sua comunidade, Dos Santos relaciona a atividade aos métodos de dominação do colonialismo: "Tanto adestrador quanto o colonizador começam por desterritorializar o ente atacado quebrando-lhe a identidade, tirando-o de sua cosmologia, distanciando-o de seus sagrados, impondo-lhes novos modos de vida e colocando-lhes outros

nomes". Dessa forma, apaga-se a memória para constituir uma nova que atenda à lógica de dominação.

Conhecendo a lógica de dominação por empiria, Dos Santos passa a contrariar as "palavras coloniais" com uma "guerra de denominações", com o objetivo de enfraquecê-las. Daí surge um novo léxico para subverter a colonialidade pela língua.

Se a herança colonial mantém entre nós a palavra "desenvolvimento", e a palavra é usada para expropriar os subalternos continuamente em nome de um objetivo maior, então é preciso revelar que "desenvolvimento" desconecta pessoas, territórios e saberes.

Não interessa a Dos Santos o "desenvolvimento", e sim o "envolvimento" que podemos ter com a terra, os seres vivos e a nossa comunidade.

Dos Santos também substitui "desenvolvimento sustentável" por "biointeração"; "coincidência" por "confluência"; "sintético" por "orgânico"; "dinheiro" por "compartilhamento"; "colonização" por "contracolônização". Outro exemplo importante são as gírias das favelas que ampliam a língua com "palavras potentes" que os colonizadores não compreendem.

A insubordinação às engrenagens do colonialismo é chamada por Dos Santos de "contracolônismo". A não aceitação se constituiu numa defesa prática da vida, e sociedades indígenas e africanas fizeram isso desde sempre.

Para Dos Santos, o que é modo de vida indígena, banto, iorubá, quilombola pode ser agrupado na denominação contracolônial. Modos de vida sozinhos, sem conexão, não enfraquecem o colonialismo. O antídoto à colonialidade seria celebrar e compartilhar um modo de vida contracolônial que atravessa todas as esferas da vida.

A arquitetura é uma dessas esferas, capazes de desconectar por completo pessoas e territórios. Os cosmos do quilombo e da favela são exemplos de arquiteturas que consideram a vida humana. Uma casa num quilombo precisa ter um quintal com espaço porque as gerações futuras irão habitar os espaços contíguos à casa original. Na favela, a laje cumpre essa função.

As casas nesses dois territórios costumam ser erguidas em mutirão porque a solidariedade é um traço vital da contracolônialidade. [O quintal da casa do quilombo é um espaço de vida onde se planta o alimento próximo à cozinha.](#) É o lugar onde as crianças se educam — aprendem a plantar, colher, cozinhar.

Dos Santos critica a arquitetura do programa [Minha Casa, Minha Vida](#), que desconsidera todo ethos comunitário em prol da economia e de um modelo de construção contrário à vida.



O escritor Antônio Bispo dos Santos, autor de "A Terra Dá, a Terra Quer" - Alexia Melo/Divulgação

"A casa tem que ser uma parte dos nossos corpos", considera. Não se constrói uma casa sem considerar o movimento do sol, dos ventos, nem as chuvas. A casa precisa ser posicionada numa relação cosmológica com tudo à sua volta: roças, estradas e vizinhos.

Ler "A Terra Dá, a Terra Quer" me conectou ao pensador Antônio Bispo dos Santos. De lá do Quilombo Saco Curtume, interior do Piauí, Dos Santos [registra na escrita e na oralidade a sabedoria de seu povo](#).

Sabedoria essa que pode ser vital para nos levar a um futuro que nos restitua parte da existência, que continua mais do que nunca em risco.